

# MOBILIDADE A BUDAPESTE

## IMPRESSÕES

### 1. O programa da mobilidade

No que diz respeito ao programa, achei-o muito interessante, pois foi dado muito tempo para visitarmos tantos e tão magníficos lugares históricos e característicos de Budapeste. Apreciei imenso este facto não só porque nunca lá tinha estado, mas também pelo facto de nos possibilitarem o conhecimento de uma cultura tão diferente da nossa, assim como um maior convívio com os outros colegas do intercâmbio. A única parte que foi uma desvantagem foi o facto de não termos visitado um certo museu de doces que, no início, era suposto visitarmos. Contudo, todos os outros locais foram igualmente dignos de visita, sendo de salientar de entre tantos a catedral de Eztergom, a sinagoga, a House of Terror, etc...

### 2. A Escola

A escola de Budapeste foi sem dúvida um local muito acolhedor, não só pelo facto de termos tantos estudantes húngaros que nos receberam de braços abertos e muito calorosamente, mas também pela simpatia e curiosidade de todos os outros alunos que andavam pelos corredores e, subitamente, avistavam ao longe uma cara não familiar, geralmente mais velha que a deles, pois todos os alunos eram de ensino básico. Foi uma experiência diferente, nomeadamente no que toca à alimentação, que por vezes se mostrava um tanto ou pouco “estranha”, digamos assim, pelo facto de, por vezes, não estarmos habituados a uma gastronomia tão excêntrica (as sandes são um bom exemplo).

Contudo, era um local bastante bom para se conviver, também devido à temperatura que, em contraste com o exterior, era bastante agradável.

### 3. O encontro de parceiros

O primeiro dia foi bastante engraçado. Como não conhecíamos ninguém, o primeiro contacto foi um pouco inesperado, também porque estávamos ainda muito ligados ao grupo com o qual tínhamos chegado a Budapeste. Porém, não passou muito tempo até começarmos a conversar com os restantes colegas, nomeadamente as turcas, que foram o primeiro grupo com o qual tivemos um maior contacto. Seguiram-se depois os húngaros, os austríacos e, por fim, os italianos, que foram o grupo mais caloroso e acolhedor que poderia haver, com o qual travámos grandes amizades e que, durante todo o decorrer da viagem, nos impressionaram com a faceta simpática pois, tal como o povo português, é um povo quente e de convívio social.

## 4.A família de acolhimento

Para mim, a família de acolhimento foi uma grande surpresa. Embora de início me tenha encontrado um pouco inibido, pois ainda não os conhecia bem, todos eles revelaram ser boas companhias. Estranhei um pouco o facto de os pais não dormirem juntos, questão que até coloquei às professoras do projecto, contudo adorei todas as experiências que me proporcionaram e, devo dizer, penso que fui um dos mais sortudos no que diz respeito a esta temática. A comunicação era bastante fácil, pois o filho mais velho (Bálint) e o pai (Albert) falavam inglês e, quando eu queria comunicar com a mãe (Maria) ou o filho mais novo (Ferenc, chamávamo-lo de Féri), traduziam o que eu queria dizer. Puseram-me logo muito confortável de início e o facto de me terem disponibilizado um quarto só para mim foi também um factor que apreciei imenso porque providenciaram-me um local onde tinha o meu próprio espaço, o que é importante. Em relação às refeições, todas elas eram bastante interessantes e diferentes do que estava acostumado, pelo que acho que foram novas experiências, todas elas boas. Agora em relação ao tópico principal, e talvez a razão pela qual me considero bastante sortudo, as actividades que tivemos em família. Não só bastou todo este acolhimento, simpatia e disponibilidade, como ainda se deram ao trabalho de me levar a visitar e conhecer novos locais e experimentar novas coisas: no 1º dia, quando cheguei, levaram-me a uma exposição sobre a evolução da vida num museu da ciência porque souberam pelo email que lhes mandei que andava num curso de ciências e tecnologias (tiveram em conta o meu curso!); no 3º dia à noite levaram-me a ver um bailado baseado no filme “Tróia”, com o Brad Pitt e o Orlando Bloom, actores de renome, em que encenavam, sob a forma de dança, a luta entre os impérios Grego e Troiano, devido à fuga da princesa Helena da Grécia (o espectáculo foi extremamente impressionante porque tudo estava maravilhosamente coreografado); no 5º dia à tarde levaram-me numa viagem de balão movido a hélio, que foi também uma primeira vez para mim, e que foi deveras interessante, momento esse que foi partilhado com ambos os filhos do casal.

Posso dizer que não poderia ter tido uma melhor família de acolhimento, que se mostrou sempre aberta às minhas necessidades e em fazer-me sentir o mais confortável possível, tanto dentro como fora de casa.

## 5.Os professores acompanhantes

As professoras que nos acompanharam desde Portugal foram sempre bastante prestáveis e, tal como nós, abertas à socialização com os alunos e professores provenientes dos outros países parceiros. Mostraram-se sempre bastante satisfeitas com a nossa postura e o nosso trabalho, elogiando-nos a toda a hora o desempenho que estávamos a ter (o que foi um factor de incentivo também), aproveitando de tal forma a experiência que foi possível estreitar os laços, alguns pré-existentes, outros recentemente formados. Penso que foi uma experiência que, se não tivesse sido vivida em conjunto, não teria sido a mesma coisa, daí que todos tenhamos aproveitado para investir um pouco nas relações que se estavam a formar.

Mostraram-se sempre disponíveis às nossas necessidades também, auxiliando-nos quando precisámos e dando-nos conselhos, se os pedíssemos, pelo que constituíram também um bom grupo de apoio.

## **6. Mensagem aos colegas da ESFMP**

Eu penso que, no que toca a estes assuntos, é sempre possível deixar uma ou duas palavras do quão agradável foi esta experiência, no entanto, as palavras não conseguem descrever inteiramente o quão revigorante é algo como esta mobilidade. Antes de partir falei com colegas que participaram em projectos como este e a ideia com que tinha ficado é completamente diferente daquela com que voltei. Apesar de ser um projecto em que é preciso apresentar trabalhos, planear apresentações, falar do projecto no nosso país, nada disto é cansativo, pelo simples facto de que o trabalho que temos, comparado com a diversão que experienciamos, é quase nulo. A oportunidade de poder conhecer tantas e tão boas pessoas dá-nos um à vontade tão grande que conseguimos falar com todos, travar amizades, criar laços, conhecer pessoas que provavelmente ficarão na nossa história por um momento ou outro que passaram connosco. É, de facto, uma experiência indiscritível, pois algo como isto, apenas vivido pode ser sentido, e é algo que recomendo a todos aqueles que, numa dada altura, desejarem poder sair de Portugal e visitar uma outra cultura, conhecer pessoas, aprender novas coisas num ambiente em que não existe qualquer tipo de inibições, pois tudo é diferente.

É através de experiências como estas que começamos a dar valor àquilo que é importante e conseguimos distinguir o que nos define enquanto indivíduos, pois para alguns, é um “abrir de olhos”. Eu, pessoalmente, não trocava esta experiência por nada. E sim, as saudades são muitas, o desconforto às vezes revela-se nas coisas mais básicas, por estarmos num país a milhares de quilómetros de casa, mas no fim, compensa tudo e mais alguma coisa.

*Bruno Chambel*